

## LEITURA DE CRÔNICA HOJE: UMA VIVÊNCIA COM “ANJO DA NOITE”

*Maria Valdenia da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que a crônica, por suas características intrínsecas, configura um texto indispensável à prática da formação de leitores, esse artigo objetiva averiguar a recepção da crônica “Anjo da noite”, de Cecília Meireles pelos leitores de hoje, considerando os efeitos desencadeados pela experiência de leitura. Serviram-nos de esteio teórico algumas idéias advindas da Estética da Recepção, notadamente as que se referem à teoria do efeito no ato da leitura, bem como ao estudo sobre o jogo do texto, propugnadas por Wolfgang Iser. Palavras-chave: crônica, Cecília Meireles, recepção.

**Abstract:** Taking for granted that the chronicle, for its intrinsic characteristics, stands as a fundamental text in the praxis of forming new readers, this article intends to verify the reception of the chronicle “Anjo da noite” (Cecília Meireles), by its contemporary readers, considering the effects that emerge through the reading experience. We take as our basis some ideas developed by the Aesthetics of Reception, especially those referring to effect theory in the act of reading, as well as Wolfgang Iser’s ideas on text play.

Keywords: chronicles, Cecília Meireles, Reception Theory.

No âmbito das discussões relativas ao ensino da literatura, a preocupação com a formação de leitores vem ocupando grande parte dos estudos e pesquisas acadêmicas, fato comprovado pelo crescimento de publicações, seminários e encontros nacionais, cujas temáticas estão voltadas para as questões da leitura e do leitor. Na perspectiva de seguir este movimento, este artigo propõe refletir sobre a utilização da crônica como texto fundamental para a formação de leitores, especialmente porque, em um breve espaço, tem conjugado, muitas vezes, informação e lirismo, numa espécie de poesia do cotidiano. Trata-se de um gênero que, com simplicidade e beleza “está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (CANDIDO, 1992, p.14), pondo os leitores em contato com a palavra recriada em suas múltiplas facetas, do referencial ao poético, “fazendo com que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto” (ibidem, p.15) efêmero do jornal, suporte que abriga as crônicas antes de qualquer outro como o livro.

No influxo dessas idéias e colocando-nos na condição de adeptos da leitura de textos cronísticos, sabedores da natureza instigante dos mesmos, pensamos realizar uma experiência escolar com a crônica a qual iremos demonstrar no espaço deste artigo, imbuídos do desejo de tornar a leitura do gênero mais presente no cotidiano de jovens leitores, compartilhando com eles as experiências diversas provocadas pela recepção da obra cronística da poeta e educadora Cecília Meireles.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora da Universidade Estadual do Ceará – UECE/FECLESC.

A despeito de ter escrito para o jornal, movida por uma preocupação mais reflexiva na defesa de suas idéias, Cecília Meireles apresenta em várias de suas crônicas, uma tendência para a emoção, revelada nas imagens poéticas que cria para falar da natureza, da humanidade, dos fatos, enfim, da vida, numa comprovação do entrelace entre lirismo e reflexão. A este respeito, nos lembramos das palavras de Schiller, quando diz, no ensaio *Poesia ingênua e sentimental* (1991, p.26), que “[o poeta sentimental] reflete sobre a impressão que os objetos lhe causam e tão-somente nessa reflexão funda-se a comoção a que ele próprio é transportado e nos transporta”. É o que acontece, geralmente, com as crônicas de Cecília Meireles, por isso, foi pensando na contribuição que estas crônicas de natureza lírica poderiam oferecer aos leitores de hoje, que surgiu o interesse em levá-las para serem lidas por um grupo de estudantes do ensino fundamental e médio em um mini-curso que realizamos em 2007. O objetivo que nos moveu, inicialmente, desdobrou-se em outro: investigar a recepção da crônica cecilianiana, averiguando, notadamente, o efeito que esta recepção causaria nos leitores.

Para trabalhar a recepção do texto literário, levamos em consideração as idéias de Iser quando diz que na interação texto/leitor entram em movimento o pólo artístico e o pólo estético, eixos que nos ajudam a definir melhor a distinção entre recepção e efeito: “o pólo artístico refere-se ao texto produzido pelo autor, enquanto o pólo estético diz respeito à concretização realizada pelo leitor” (ISER, 1992, p.48). Desta forma, consolida-se a interação do leitor ao texto, na medida em que “a recepção subjetiva do leitor é condicionada pelo efeito objetivo do texto”, como nos aponta Vincent Jouve (2002, p. 127).

O leitor vive, no encontro com o texto, a tensão entre o atendimento e a ruptura de seus horizontes de expectativas (relacionados a valores e normas sociais, culturais, éticas e estéticas), na medida em que o texto apresenta-se ao leitor simultaneamente como resistência e identificação, especialmente no que diz respeito ao novo e diferente e ao familiar. A leitura literária é um espaço em que o leitor mais altera do que confirma seus horizontes de expectativa, especialmente pela forma de dizer do texto literário, por sua beleza, na acepção de Schiller. Além disso, esse texto, no geral, oferece maior espaço para a interação do leitor, mostrando-se fértil em possibilidades significativas.

Com a leitura das crônicas de Cecília Meireles, estávamos propondo alguns momentos de vivência em torno do texto literário de uma autora cuja linguagem pode propiciar a fruição estética e a reflexão sobre temas diversos e atrativos para a garotada. Afinal de contas, nossa principal inspiração vinha da própria Cecília Meireles que compreendia a necessidade de levar seus leitores a atuarem no texto, a deduzirem, a pensarem, tirarem suas próprias conclusões, evitando o uso de textos fechados ou os que ditavam comportamentos.

Para Cecília Meireles (2001, v. 5, p. 242), “as obras de um autor se conservam na memória de quem as lê por uma série de relações entre personagens, estilo, tema...”, capazes de despertar no leitor a sua condição de sujeito, produtor de conhecimento e não meramente um repetidor, como salienta Cecília na crônica

“Mnemônica do tempo”, na qual faz uma crítica bem humorada da vergonhosa “decoreba” a que muitos alunos eram obrigados a enfrentar:

Puxei conversa com um estudante, para saber como andava em matéria de literatura. Confessou-me que tinha decorado uma coleção de autores, acompanhados da coleção das respectivas obras.

– Mas leu algumas? – Arrisquei. – Não, não tivemos tempo... Decoramos apenas os títulos... (Idem).

Esse tipo de situação, em que não existe a oportunidade da leitura, corrobora para a apatia e a não participação dos alunos em sala, na medida em que os mesmos não são atraídos para o diálogo nem com o texto nem com os outros leitores de sala.

### **Experiência de leitura**

O mini-curso que relataremos, no presente artigo, ocorreu na Escola de Ensino Fundamental e Médio Joaquim Moreira de Sousa, localizada no bairro da Parangaba, em Fortaleza. Os 32 participantes<sup>2</sup> tinham entre 12 e 19 anos e a maioria cursava o ensino fundamental II e alguns poucos o 1º ano do ensino médio. Como nosso foco de atenção na pesquisa é a leitura, iniciamos averiguando sobre a frequência de leitura entre os alunos e quais as suas preferências de textos. De acordo com a ficha de identificação preenchida no primeiro dia da pesquisa, a maior parte (17 alunos) respondeu que lia diariamente. Dos 32 participantes da pesquisa, 22 gostam de ler poesia, e desses vinte e dois, 14 gostam de poesia e contos. Do total, 12 gostam de ler contos; 14 gostam de ler os textos do livro didático; 20 gostam de ler jornais e revistas; 15 gostam de ler romances; e 9 outros gêneros. Quanto à crônica, parece ser um gênero desconhecido, pois, apenas 04 alunos marcaram a opção referente a esse texto. Também em relação aos textos de Cecília Meireles, apenas 10 alunos afirmaram conhecê-los, fato sugestivo de que a crônica de Cecília é pouco trabalhada na escola.

Neste sentido, dois pontos nos chamam a atenção: o primeiro diz respeito à possibilidade dos alunos não saberem precisamente o conceito de crônica, fato muitas vezes atrelado também ao desconhecimento dos outros gêneros literários; o segundo ponto relevante consiste na pouca divulgação da obra cronística de Cecília Meireles.

Em uma busca realizada em 15 livros didáticos destinados ao ensino fundamental e médio, encontramos apenas 03 registros da crônica cecilianiana, apesar de observarmos um número bem maior do texto cronístico de outros autores. Além disso, a escola também contribui para a pouca leitura da obra em prosa de Cecília Meireles, na medida em que constatamos, na biblioteca da Escola de Ensino

---

<sup>2</sup> A decisão dos alunos de participar do mini-curso se deu de forma voluntária, a partir da nossa ida à escola e da apresentação de nosso projeto para a direção da mesma.

Fundamental e Médio Joaquim Moreira de Sousa, a não existência dos livros de crônicas de Cecília, nem mesmo aqueles classificados, pela editora, no acervo das coleções paradidáticas como *Janela mágica* e *Giroflê, giroflá*. Por outro lado, em termos de poesia, verificamos a existência de quatro exemplares da obra poética de Cecília Meireles: *Cânticos*, *Antologia poética*, *Poesia completa* v. 02 e 04. Além desses, existe na biblioteca, a narrativa memorialística, *Olhinhos de gato*, totalizando cinco livros de Cecília Meireles.

Indagamos também sobre a frequência com que os jovens alunos visitam a biblioteca de sua escola, pois consideramos este item de suma importância para a formação de leitores. Do universo de alunos consultados, 07 responderam frequentar a biblioteca como um hábito. Apenas 01 aluno afirmou não frequentar a biblioteca e a grande maioria, 24 alunos, respondeu que frequenta, às vezes. É fato notório, todavia, que, no geral, o ambiente da biblioteca ou da sala de leitura não é aproveitado satisfatoriamente pelos alunos. Parece faltar, por parte de gestores e docentes, um adequado planejamento relativo a atividades que incluam a biblioteca como sala de referência para a formação de leitores.

O que pensam estes jovens leitores a respeito da leitura? Procuramos saber ao analisar o que eles escreveram sobre o ato de ler. Averiguamos, então, que as respostas oscilam entre duas funções da leitura: a pragmática e a estética. Alguns alunos concebem que pela leitura eles entram num mundo de descobertas, aprendem novas palavras e através da leitura as pessoas têm “sucesso nos estudos e na vida”. Este pensamento, eivado do pragmatismo cada vez mais vigente em algumas práticas escolares, pode ser considerado um dos principais fatores do distanciamento dos jovens em relação à leitura, pois, motivados por este princípio, alguns professores atribuem atividades escritas após cada leitura feita, de modo que a leitura é trabalhada como pretexto.

Por outro lado, em menor número, alguns alunos responderam que concebem a leitura como algo prazeroso, afirmando que “ler é viajar em um mundo mágico”. Um dos alunos expressou que ler é “viver situações do personagem”, o que denota a integração do leitor com o texto ao nível emocional. Para estes leitores, portanto, experimentar a linguagem literária significa vivenciar concretamente a leitura, sentir prazer, fruir seu jogo lúdico, adquirir visões sobre o mundo e sobre si mesmo.

A esse respeito Vincent Jouve (2002, p. 20, 21) diz:

O papel das emoções no ato de leitura é fácil de se entender: prender-se a uma personagem é interessar-se pelo que lhe acontece, isto é, pela narrativa que a coloca em cena (...). Assim, querer expulsar a identificação – e conseqüentemente o emocional – da experiência estética parece algo condenado ao fracasso (...). Mais do que um modo de leitura peculiar, parece que o engajamento afetivo é de fato um componente essencial da leitura em geral.

Além disso, as falas dos alunos também evidenciaram o sentido de integração, quando respondem sobre o que mais gostam nas aulas de leitura: “ler em voz alta”, “conhecer a opinião do outro”, “participar de atividades em grupo. Estas respostas denotam, talvez, o interesse em cultivar uma postura participativa em sala de aula e fora da escola, como bem comprova o comportamento dos adolescentes, sempre em grupos, conversando entre os pares. Esta preferência pode sinalizar para a necessidade e a relevância da escola procurar considerar os interesses subjetivos dos alunos, diminuindo cada vez mais as distâncias entre a vida e a sala de aula, pensamento este que encontra respaldo nas crônicas de Cecília Meireles, especialmente aquelas escritas nas décadas de 30 e 40 do século passado.

No sentido de evitar os descaminhos da escolarização da leitura literária, sobretudo quando se toma o texto como instrumento para o exercício de conteúdos escolares, a metodologia utilizada na experiência de leitura com os dois grupos de alunos obedeceu a critérios dinâmicos que não lembrassem a rigidez da sala de aula, com atividades avaliativas, cobranças, imposições, etc. Utilizamos, outrossim, debates informais, nos quais os participantes trocavam impressões de leitura, com o propósito de estimular a interação entre texto e leitor, expressando o que perceberam na leitura, o que lhes chamou a atenção, quais foram as dificuldades, dentre outras questões. Havíamos convidado aqueles alunos para lerem as crônicas de Cecília Meireles e, de uma forma ou de outra, desenvolverem um processo de interação com os textos. Portanto, era necessário estabelecermos um diálogo<sup>3</sup> constante com os leitores, respeitando suas falas, suas experiências trazidas e, inclusive, os silêncios ou as possíveis resistências.

Em todos os encontros, destacamos a importância de lermos o texto várias vezes, utilizando a forma silenciosa e a leitura em voz alta, para alcançarmos uma compreensão e interação satisfatórias. De início, tínhamos receio de que houvesse resistência em lermos mais de uma vez o mesmo texto, todavia, os alunos manifestaram o desejo de realizarem a leitura até mesmo em conjunto, quando todos lêem ao mesmo tempo.

Antes de cada leitura, utilizamos como estratégia, a predição,<sup>4</sup> seja através de imagens que remetessem ao texto, seja por intermédio do título ou de uma palavra chave. Com a predição, aproveitamos para salientar a função dos títulos como paratextos<sup>5</sup> fundamentais ao jogo textual, ao mesmo tempo em que evidenciamos a participação do leitor nesse jogo, tentando, de certa forma, desconstruir a idéia de que existe uma verdade absoluta e inalcançável nos textos.

---

<sup>3</sup> Vale salientar que este diálogo procurou considerar não somente as falas, mas os gestos, os olhares, os sorrisos, enfim a expressão do corpo e da mente.

<sup>4</sup> A predição é uma das estratégias metacognitivas da leitura, de base psicolinguística, consoante K. Goodman (1987), responsável por suscitar no leitor a antecipação do que vai ser lido, ao mesmo tempo em que o mesmo vai processando a sua compreensão. A este respeito conferir: GOODMAN, Kenneth. O processo da leitura – considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E. e PALÁCIO, M. *Os processos de leitura e escrita- novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1987, pp. 11-22.

<sup>5</sup> Todos os elementos que margeiam um texto são considerados paratextuais e o título é um dos mais importantes e visíveis, sendo responsável pela divulgação da obra.

Escolhemos como recorte ilustrativo da experiência ora relatada, o texto “Anjo da noite”, extraído do livro *Ilusões do mundo*<sup>6</sup> (1982). Trata-se de uma crônica que reitera a linguagem poética, presente em outros textos em prosa da autora, a partir de uma estrutura textual marcada pela descrição da rotina de um guarda-noturno, no exercício de sua atividade de vigiar a rua.

Passo a passo, o guarda-noturno vai subindo a rua. Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor. Assim vai andando o guarda-noturno. Se a noite é bem sossegada, pode-se ouvir sua mão sacudir a caixa de fósforos e até adivinhar, com bom ouvido, quantos fósforos estão lá dentro. Os cães emudecem. Os insetos recomeçam a ciciar (MEIRELES, 1982, p.112).

O trecho acima concentra elementos reveladores de uma imagem do guarda e de sua função que nos parecem hoje bastante distantes de nossa realidade, marcada, esta, em grande parte, por atitudes de violência. O olhar da cronista, todavia, vê longe, vê sempre os vários ângulos da vida e prefere acreditar na possibilidade da beleza e da riqueza de alma da humanidade e do mundo. Por isso, nesta crônica, Cecília afirma que:

À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças. Mesmo os doentes parecem que são mais felizes: esperam dormir um pouco à suavidade da sombra e do silêncio. Há muitos sonhos em cada casa. É bom ter uma casa, dormir, sonhar. O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem o seu cantinho para descansar. O mundo podia ser tranqüilo. As pessoas podiam ser amáveis. No entanto, ele mesmo, o guarda-noturno, traz um bom revólver no bolso, para defender uma rua... (Ibidem, p.113).

Quanto ao momento de recepção da crônica “Anjo da noite”, iniciamos com a estratégia da predição a partir da imagem a seguir.

---

<sup>6</sup> Em nota editorial, o crítico Darcy Damasceno informa que *Ilusões do mundo* é uma versão ampliada de *Inéditos* (1967) cujas crônicas tinham sido escritas para programas radiofônicos, nos anos de 1961 a 1963.



As hipóteses suscitadas pelos alunos levaram em consideração os elementos presentes na imagem vista: anjo, noite, mar, constelação..., entretanto, houve um aluno que associou também a um filme, visto por ele, cujo título é também “Anjo da noite”, que, por sua vez, não possui relação de sentido com a crônica ceciliana. Esta atividade de predição deixou-nos satisfeitos, no sentido de que apontou para a coerência entre o texto e a ilustração, que escolhemos para ser o seu paratexto, além de preparar os alunos para o momento da leitura de todo o texto.

Eis uma amostra<sup>7</sup> da dinâmica vivenciada na predição da imagem usada a título de paratexto da crônica:

Mediadora:

*O que essa gravura sugere a vocês:*

Alunos:

“O céu estrelado.”

“um anjo”

“Aqui dá pra perceber que o sol vem nascendo porque lá no finalzinho tá ficando mais claro.”

Mediadora:

O que essa imagem faz vocês lembrarem; ela faz vocês lembrarem de alguma coisa em especial; alguma coisa que vocês viveram, que vocês viram?

Alunos:

Lembra tristeza.

Pra mim faz pensar mais na reflexão, como um momento em que você está sozinha em um local, observando o que você mais gosta, no caso, eu acho que ele gostava mais de observar o luar, pensando na vida, pra mim é isso.

Eu acho que ele tá aí porque aí é calmo, e pode pensar um pouco. Ele foi esfriar a cabeça.

<sup>7</sup> Transcrevemos, de forma literal, a fala gravada dos alunos.

Um homem se preparando pra voar.  
Ele é um anjo que tá na pedra e vai voar de volta pro céu.

Após o momento da predição, realizamos a leitura oral do texto, ocasião em que os parágrafos foram lidos, voluntariamente, por alguns alunos. Em seguida, a recepção do texto teve início, revelando uma discussão mais intensa acerca dos sentidos atribuídos à palavra “anjo”:

Mediadora:

Com essa primeira leitura, em voz alta, todos lendo, vocês conseguiram, já, atribuir alguns significados a esse texto? Já são capazes de dizer os sentidos com que esse texto trabalha?

Alunos:

“O que vem na minha cabeça é que o guarda era o anjo da figura, observando a lua, o céu e o mar.”

“Como se fosse o anjo da guarda.”

“Ele é o anjo da guarda da rua.”

Aluno: um anjo sendo guarda.

Aluno: não concordo, pois como diz aqui no final do texto na última linha, ele é “anjo porém armado”. Eu acho que ele não é anjo não, porque está armado e arma lembra bala, morte. Ele pode muito bem confundir o cidadão com o bandido. Acho que tem dois sentidos aí.

Aluno: anjo lembra bondade, paz, proteção como o anjo da guarda.

Aluno: Não existem anjos só bons. Há maus, como os caídos.

Aluno. É. Tem dois sentidos. Anjos têm vários sentidos. (Lê mais uma vez a última frase).

Observamos nos comentários dos alunos que, mesmo considerando a liberdade do leitor em interpretar o texto, ele está sempre buscando no próprio texto, indícios que justifiquem a sua fala.

Posterior à leitura da crônica “Anjo da noite”, sugerimos também que os alunos socializassem a recepção do texto, falando sobre as impressões que tiveram, o que sentiram, o que o texto fez lembrar, quais sentimentos a crônica despertou. Para tanto, poderiam utilizar a forma escrita, o desenho ou qualquer outra forma capaz de manifestar suas impressões. A grande maioria optou pelo texto escrito, alguns poucos pelo desenho e nenhum deles criou outra forma de manifestação. Dos textos escritos,<sup>8</sup> elegemos os quatro abaixo para algumas considerações. Acreditamos que o debate vivenciado serviu como ponto de apoio para algumas confirmações ou alterações relativas ao entendimento textual, pois, a soma de experiências trocadas com outrem enriquece, no geral, a significação do texto.

---

<sup>8</sup> Mantivemos a escrita original dos textos produzidos pelos alunos.

Lembramos primeiramente da noite que é o medo, o medo de que, do quê sair pra ir em um local é o medo de ser assaltado. Também temos eu tenho uma lembrança que eu morava em Canindé do tempo daqueles ladrões os “Mel e o Kel” os guarda noturno ajudava a vijiar o que tinha acontecido o seu Zé o rapaz que ficava nas 3 ruas mais próximas ele ajudava nós pois ele salvava crianças que ficavam até mais tarde nas ruas. Também levava nós adolescentes para casa quando tinha festas nós marcava hora com o tio Zé. A atenção que ele nós dava era maravilhosa. Até já aconteceu uma vez que eu e a minha sobrinha vinha de uma novena e vinha um cara que ia assaltar ajente e o seu Zé via e quando o rapaz anunciou o assalto o seu Zé pegou ele e levou, ele para a delegacia (Thais).

O que nos chama mais a atenção no comentário de Thais é a referência feita ao seu contexto, o que nos faz lembrar Paulo Freire quando ele relaciona linguagem e realidade de forma unificada, ao dizer que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2005, p.11).

A identificação do leitor e de seu universo vivencial a partir da realidade representada pela obra literária traz à baila a função social da literatura, função que terá maior eficácia quando associada a um modo de dizer que não dispensa o toque da poeticidade e que não perde de vista o poder da reflexão e da crítica. Acreditamos que, desse modo, haverá uma maior integração entre texto e leitor, possibilitando a este incorporar à realidade da obra às suas próprias experiências pessoais.

Lourdes, outra de nossas alunas, demonstrou sua satisfação em ler a crônica, quando ressalta a característica de suavidade presente no texto, tornando-o prazeroso. Semelhante a outros comentários, ela aponta também o aspecto realista da crônica que a faz lembrar a atividade protetora dos guardas.

Bem eu achei esta crônica muito realista, pois ela lembra o que acontece com a gente mesmo, nesta crônica eu senti um texto suave tranquilo de se ler e bom de se ouvir. Este texto me lembrou dos guardas que ficam rondando pela a noite “protejendo”, dos perigos que acontece. Anjo da noite, pra mim significar 1º anjo tem dois sentidos, pois existe o anjo do bem e existe o anjo do mal, ele pode nos proteger. Bem foi isso que eu entendi sobre esta crônica (Anjo da Noite) (Lourdes).

Já o comentário da aluna Luana se volta para a percepção polissêmica do vocábulo anjo e para o destaque que a crônica confere à beleza e ao sonho que povoam a noite. Interessante também é o uso da função fática que a aluna faz ao final de seu comentário, quando se dirige ao leitor num discurso otimista:

O texto fala do anjo da noite; a palavra anjo da noite ela pode ter dois sentidos. O primeiro: Fala do anjo, o anjo protege ele

guarda, livra do mal. O segundo sentido: Fala que ele é um anjo da noite que protege, mas que arma.

O guarda pode ser um anjo mais também pode ser um anjo da escuridão, ou seja um anjo das trevas. Porque apesar de ele ser um anjo, ele pode matar uma pessoa, mesmo que ele não queira.

O texto resalta que à noite, o mundo é bonito. Ele quis dizer que à noite não lembra só sono, ou dormir, mais também relata que existe muito sonhos, existe ainda pessoas que sonham. Fala que até os doentes parecem mais felizes.

Por isso seja feliz apesar da escuridão que você tiver na sua vida!!! (Luana)

Em relação ao próximo fragmento que elegemos para analisar, notamos que ele se constrói em torno da reflexão a certas ações que devem ser praticadas pelo homem em prol da paz e da vida, denotando uma percepção mais ampla do sentido do texto lido, diferentemente de seus colegas, os quais ficaram muito limitados ao contexto pessoal ou à polissemia da palavra anjo.

Para mim esse texto fala sobre o poder que os homens tem de proteger o mundo; mas muitas vezes, o próprio homem acaba abusando desse poder usando armas ou coisas que passam destruir o mundo. O próprio homem, não percebe, que a vida é tão bela, tão magnífica, tão importante; e acaba destruindo a paz que tanto prezamos e amamos. O título para mim, Anjo da noite, relata como um homem pode mudar o rumo de uma vida, um lar, uma noite (Anderson).

### **Avaliação da experiência de leitura**

A breve experiência com as crônicas de Cecília Meireles resultou em depoimentos, que, de forma geral, revelaram, por um lado, a demanda dos alunos por uma metodologia de leitura propiciadora da interação entre o leitor e o texto, e, por outro, a aceitação da crônica cecilianiana como comprovam, notadamente, as palavras dos alunos ao responderem a pergunta: Você gostou de ter participado destes encontros? Por quê?

Sim, porque com os encontros eu perdi parte a vergonha que eu tinha de ler em publico (Everton)

Sim. Porque eu aprendi a ler melhor, aprendi sobre uma autora que eu nunca tinha ouvido fala. Li poemas legais escritos por Cecília Meireles, eu gostei muito e gostaria de voltar no próximo ano (João)  
Foram muito bons, pois aprendi a interpretar textos. Sim, porque antes de começar o curso, eu não conseguia interpretar textos, ou seja não fazia boas leituras porque não conseguia entender (Camila).

Alguns dos motivos para a aceitação da crônica cecilianiana, seriam os fatores de acessibilidade temática e estrutural, os quais funcionam como veículos de integração entre texto e leitor. No geral, os textos cecilianos têm se adaptado à realidade dos leitores de hoje, sobretudo porque seu material é eminentemente humano.

Analisando ainda o fenômeno literário e seus efeitos, Antonio Candido (2004, p. 176) expõe a complexidade advinda de sua natureza, distinguindo três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. O modo como as produções literárias atuam sobre o homem ocorre mediante a junção das três faces apontadas por Candido, isto é, elas são construções, formas de expressão e formas de conhecimento.

Conforme Antonio Candido, quando o homem se apropria da poderosa força da palavra organizada poeticamente, ordena melhor sua mente e seus sentimentos e, conseqüentemente, pode organizar melhor a visão de mundo que tem. A realidade não basta e, como disse a própria Cecília, “A vida só é possível reinventada” (MEIRELES, 2001, p. 412). Nessa reinvenção, o escritor re-significa a vida para si e para seus leitores.

Podemos concluir o relato de nossa experiência de leitura com os alunos da E.E.F.M. Moreira de Sousa, salientando que, pouco a pouco, esses leitores foram se despreendendo de comportamentos de leitura passivos diante dos textos, aprendendo com as experiências de leitura a libertar a sua voz, para junto com os colegas, dar sentido aos textos como co-autores e não apenas como recebedores de sentidos legitimados por outros. Além disso, puderam estabelecer relações com a realidade, afinal como salienta Martins (2003, p.15), “aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal, e temos que valorizá-lo para podermos ir além”.

Com essa experiência, nos tornamos ainda mais convictos de que a formação de leitores demanda a aplicação sistemática de metodologias de leitura que proporcionem diálogos intensos entre texto e leitor, através dos quais, a leitura possa constituir para o leitor uma identidade leitora de si mesmo.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. (et al.) *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

FERREIRO, E. e PALÁCIO, M. *Os processos de leitura e escrita- novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1987,

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. *Concepção dialética da educação*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 1984.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1992. 2 v.

- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2003, (Coleção Primeiros Passos).
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho, obra em v.5).
- \_\_\_\_\_. *Ilusões do mundo: crônicas*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, 2 v.
- SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Estudo e tradução Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.